

**Tributo à Mark Rothko:**

**Mark, você pintou. E eu vi suas pinturas. E vi o que elas revelam, que vem através delas e é maior que elas. O que vi é grandioso. E vejo. (Com estes olhos que a terra nunca há de comer!). E quem tiver olhos – e todos temos – que olhe, e veja também. Por favor.**

**Sendo russo, você trouxe na alma a intenção dos grandes pintores de ícones e, embora não seja isso que fez de você quem você é, para mim é importante, aqui, ao honrar você, honrar sua ancestralidade geográfica e anímica também com minha admiração, respeito e reconhecimento. É verdade que, sendo humano, todos trazemos em nós essa herança também – assim como todas as outras, não importa nossa origem geográfica e anímica – nem espiritual.**

**Como você provavelmente sabia, um pintor de Ícones da Idade Média não pretendia pintar apenas uma representação religiosa, mas queria realizar um ícone onde o próprio Sagrado: a Verdade e a Vida se apresentasse. Isso é o que se almejava com um ícone, que não apenas representasse, mas contivesse a realidade, a força viva e verdadeira da Vida, presente, sagrada e transformadora. Todo pintor de ícones almeja realizar uma pintura sagrada, não porque representa as imagens sagradas da religião. Não é a imagem o que mais importa e, embora o imaginário seja da tradição Cristã, busca a Verdade e a Vida por trás da tradição. Todo pintor de ícone almeja realizar um Ícone real. Não para uns poucos iniciados, mas para todos que tenham a felicidade de encontrá-lo e, mais que contemplá-lo, comungar do Sagrado: a Verdade e a Vida ali presente, transformadora, curadora.**

**Não é por acaso que os antigos colocavam os doentes diante de um ícone para que obtivessem a melhora e, com felicidade, a cura. Supostamente, diante dos ícones curas e milagres aconteciam; mas, não pela força da credence e da fé como julga hoje nossa ignorância esclarecida e arrogante. As curas e milagres aconteciam porque a força verdadeira, viva e sagrada se fazia presente pelo ícone. O ícone era um portal de comunicação entre o mundo espiritual, das forças in-formativas (protyposis – Weizsacker, Gornitz), que originam a matéria, e o mundo terreno da forma. Sim. Todo pintor de ícones almeja tal feito, revelar o Ser essencial através da obra. Revelar a Verdade e a Vida.**

**Assim como os alquimistas trabalham a matéria para revelar o espírito verdadeiro através da obra magna, não buscam apenas a transformação simbólica do chumbo em ouro; nem apenas a transformação concreta do chumbo (um material sem valor), em ouro (um material valioso) para geração de riqueza material em benefício próprio ou de outrem; nem têm ideais sobre o espírito e a transformação humana, e os representam simbolicamente na tarefa alquímica; mas buscam a transformação de fato, verdadeira e viva, real. Buscam um feito grandioso, pois nesse processo buscam o autoconhecimento e a transformação de si mesmos; deixando morrer o mortal (chumbo) e ressurgir o imortal (ouro).**

Transformar chumbo em ouro é transformar o ser humano sofredor, doente, ignorante e confuso – Si mesmo – no sábio desperto, iluminado que é possível ser, saudável, santo (*Holy whole*), realizado, inteiro, o homem Deus, a Verdade e a Vida presente. A aventura do autoconhecimento. Um feito grandioso, válido para o desenvolvimento de toda humanidade e da Natureza: a realização do potencial criador em sua inteireza. Desenvolvimento é des-envolvimento, ou seja, ir em direção a si mesmo, à nossa verdadeira natureza, ao Ser essencial que somos, tirar os envoltórios e tudo aquilo que nos impede de revelar-nos completamente. E simplesmente ser humano realizado, em nossa totalidade e essência. Quando um alquimista tem sucesso, seu feito atinge-nos a todos: a humanidade e a terra toda são transformadas em direção à sua essência, à sua verdadeira natureza.

Mark Rothko. Eu vi sua pintura ao vivo pela primeira vez em 1986. Já a conhecia de livros de arte, mas não tinha vivenciado sua pintura até então. Tampouco sabia do Seagram's mural e sua sala na Tate Gallery. Naquela época a Tate era uma só em Londres. Não havia a Tate Modern onde suas telas do mural se encontram hoje. Eu andava pelas salas da Tate nesse dia, depois de ver uma linha de pedras de Richard Long no átrio; não me lembro no que pensava, mas sei que já estava um pouco cansado. Um Museu sempre cansa e muito, pela repetição que oferece. Quando por acaso entrei na Sala dedicada a você. E me deparei com aqueles quadros imensos, mas não foram os quadros que chamaram minha atenção. O que atraía meu ser e meu olhar pairava pulsando vivo à frente dos quadros, sim, saía das telas e flutuava entre a tela e meu olhar, Seres vivos que me viam também, e comigo interagem, e que me tocavam profundamente, todo meu Ser por eles transformado, e um silêncio que respirava e falava uma linguagem única da verdade viva, e que meu ser reconhecia sem intermediação conceitual, porque reconhecia em si mesmo. Não era uma experiência subjetiva da minha imaginação. Era uma experiência objetiva do ser que sou, pois estava em Presença do Real, e era sagrado. Quando recobrei as palavras falava para mim mesmo, eu vi o Ser da Cor e, depois, o Ser da Pintura. Aquele que está por trás da pintura e da Cor. O ser vivo. Eu havia encontrado a pintura viva, a pintura não representativa que e revelava algo vivo à respeito de Si mesma. Uma pintura que não falava simbolicamente para ser decodificada e interpretada pelo intelecto. A Pintura que é o que é, concreta e presente. A Pintura real. Não uma obra expressionista abstrata, mas uma coisa real que se revelava através da pintura, sua cor, luz e sombra. Ali nada era abstrato. Tudo era real. Abstrair é simbolizar. Uma pintura que representa uma casa é uma pintura abstrata, pois a imagem da casa na tela é uma abstração da casa real, e ninguém pode morar nela. Assim como a palavra é apenas uma abstração da coisa, não é a coisa real. Toda pintura representativa é uma pintura abstrata. E a chamada pintura abstrata, Kandinski, Mondrian etc é muito menos abstrata do que se costuma pensar, pois as cores e formas ali são apenas pintura de si mesmas e, não, representação de algo outro que não elas mesmas, governadas pelas leis da pintura e sua composição, expressando algo que se revela apenas pela pintura, não como abstração de um objeto da chamada realidade concreta, ou da natureza.

A pintura de Rothko revelava algo vivo e real que estava ali pulsando, não na minha imaginação, mas na minha frente. Rothko havia realizado um feito grandioso, através da pintura. E eu descobri que era possível para a pintura revelar algo objetivo e real, não apenas representativo nem expressão da idiossincrasia ou da ideologia, ou das fantasias, sonhos e engajamentos do pintor. E descobri o que eu queria com a pintura e para quê pintar. Cunhei o termo "Pintura real" e, a partir dessa compreensão se desenvolveu minha obra desde então; e era o que eu queria fazer. Pintar a pintura real, reveladora da Verdade e da Vida: o sagrado! Não imagens nem representações simbólicas do sagrado, mas algo sagrado em si mesmo. Pintar aquilo que só poderia tornar presente pela pintura. Pintar não era inventar, nem me expressar, mas revelar a realidade subjacente às cores, à composição, às figurações que aparecem na pintura no ato de pintar. Sem o saber, naquele momento eu me tornara um pintor de "Ícones", sem o imaginário cristão ou qualquer outro, senão aquele que emerge no próprio ato de pintar. Não sou ingênuo nem inocente, sei que o que emerge no ato de pintar, emerge do inconsciente humano e toda humanidade é partícipe, com alguma coloração especial pelos meus condicionamentos pessoais, educação e cultura e intenção subjacente. Pintar e revelar a Verdade e a Vida não tem a ver com inocência nem condicionamento pessoal, nem educação nem cultura, nada disso, mas com a possibilidade e intenção de ser quem sou, e a verdade simples de que, efetivamente, não posso ser senão o que sou. O que venho fazendo até hoje; não só como pintor, mas também como médico e terapeuta – minha intenção básica e constante acompanhar o outro em direção a si mesmo para que perceba sua verdadeira natureza, seu ser essencial, sempre presente que assim se revela, através do graal que é o corpo humano também na doença e na crise. Em encontros sempre fecundos, em liberdade, sem intermediação e sem pré-requisitos, ficar com o que é e olhar com amor.

Como a vida, a pintura oferece muitas possibilidades, caminhos e propósitos, todos válidos e significativos. Pode-se dizer que uns são mais significativos do que outros? Não. Claro que não! Cada um encontra um caminho e propósito mesmo sem saber, até que em determinado momento se revela sua mais alta aspiração, e sua mais profunda intenção. Na Idade Média, muitos dos que eram cavaleiros se dedicavam à busca do Graal, Parsifal, por exemplo, foi um cavaleiro da Távola Redonda que encontrou o Graal sem o saber, quando sua mais alta aspiração era apenas ser um grande cavaleiro do rei Arthur, e foi expulso; então passou a buscar o Graal com todo seu ser e essa foi sua mais alta aspiração, sua mais profunda intenção. Nunca o encontrou enquanto buscava, só o encontrando quando descobriu a compaixão. Aquele que foi chamado de Buda (aquele que despertou), saiu da proteção de seu pai e rei, para conhecer o reino, e se deparou com o sofrimento humano, a doença, a velhice e a morte. Deixou então para trás sua condição de príncipe e herdeiro do reino de seu pai, para realizar sua mais alta aspiração, sua mais profunda intenção: encontrar o fim do sofrimento humano, da pobreza, da doença, da velhice e da morte. Movido pela compaixão. Feito que realizou ao despertar da ilusão do

Samsara, para a verdade subjacente da sua verdadeira natureza, o Nirvana. Os alquimistas por exemplo, se dedicavam à busca da Pedra Filosofal para transformar chumbo em ouro, a cura do sofrimento humano, e suas doenças, incluindo a morte.

Existe uma “profunda intenção”, ou “mais alta aspiração” comum a todos os seres humanos? Talvez não. Mas há um senso comum que nos mostra um movimento humano em direção a si mesmo, como autoconhecimento na realização da Paz, Saúde, Bem-estar, Amor, Verdade, Beleza, Bondade e Liberdade; como já dizia o oráculo grego antigo: “Ser Humano conhece-te a ti mesmo!” Base de todo caminho para o des-envolvimento humano cujo fio motivador e condutor para cada um é a realização de sua mais alta aspiração, sua mais profunda intenção. Na Índia hindu a mais alta aspiração de muitos é a realização do que se percebe como verdadeira natureza humana, a busca de Deus. No Japão dos Samurais a prática da espada era um caminho de aperfeiçoamento humano em direção à realização da sua mais alta aspiração, ou mais profunda intenção. Musashi, por exemplo queria se tornar, não o melhor espadachim de todas as épocas, como acabou sendo, mas um ser humano melhor, movido pela compaixão. Práticas como a Alquimia, a pintura de Ícones, o Yoga, a Meditação, pobreza voluntária, ascetismo, e muitas disciplinas religiosas se oferecem como caminhos para realização das mais profundas intenções, ou mais altas aspirações humanas. Como se existisse um caminho para isso. Não existe. O que existe é a Compaixão, gerando uma intenção profunda que faz o seu próprio caminho, cada caminho é único, e não é caminho, é apenas a Vida! Que está no começo e, não, no fim do caminho.

Metaforicamente podemos dizer que a mais alta aspiração de cada um, sua mais profunda intenção é o seu Graal, a sua Pedra Filosofal. Mas, o que é o Graal? Conta-se que quando Jesus Cristo foi fixado na cruz ele foi ferido em seu flanco direito pela lança de Longinus (um dos soldados romanos destacados para acompanhar a crucificação. E na hora exata de sua morte seu sangue escorreu dessa ferida. E que, José de Arimatéia colheu o sangue de Jesus com o cálice Graal. E o Graal nunca mais foi visto. Sempre procurado porque dizia-se conter a força da Vida e a imortalidade. Dizem as lendas que esteve com os templários, com os cátaros e outras correntes iniciáticas, mas nunca mais foi encontrado.

Rudolf Steiner conta que à visão espiritual, quando o sangue de Jesus, o Cristo escorreu na cruz a aura da terra inteira se transformou e vivificou, pela força viva desse ser solar, o Cristo, presente no sangue de Jesus. A Lenda do Graal conta que a força viva do Cristo foi colhida no Graal e a visão do Graal para aquele que traz em si a compaixão genuína, libera essa força viva para revivificar e curar a Terra e a Natureza inteira. Assim acontecem as buscas incessantes do Graal nos ciclos arturianos e mistérios cátaros e templários. Conta-se que Parsifal foi sagrado o rei do Graal e isso permitiu uma renovação da Terra e da natureza. E que outro cavaleiro de Artur, em outro momento, Galahad também encontrou o Graal.

Algumas lendas contam que essa taça, o Graal, foi confeccionada de uma pedra preciosa da coroa de Lúcifer caída no momento da sua expulsão do Céu. Lúcifer o

mais brilhante anjo do Céu de Deus, é aquele que queria ser melhor que Deus; queria ser do tamanho de Deus e por isso caiu. É considerado o grande enganoso, ilusionista, enganador; mas não é mentiroso, pois não pode mentir. É obrigado por sua própria natureza a sempre dizer a verdade e, quando perguntado, é obrigado a responder a verdade. É preciso apenas perguntar. Mas para perguntar é preciso ter dúvida; quem só tem certezas nunca pergunta, por isso é facilmente enganável. Assim Lúcifer mantém a ilusão, Maya, para os hindus. O mundo material e natural, assim como o Eu humano são suas obras mais perfeitas. Tão perfeitas que ninguém tem dúvidas, ninguém desconfia que são irreais; todos tendem a achar que são realidades inquestionáveis. É interessante ver que a coroa de Lúcifer, o responsável pelo pecado original e mortalidade humana, fornece o material precioso para a taça que colhe o sangue de Cristo no momento crucial do Mistério, a morte na cruz do que era mortal em Jesus Cristo. O Graal um objeto do mundo físico, da coroa de Lúcifer contém o sangue, a essência da Vida. O Graal é o objeto que contém e revela a Verdade e a Vida. Podemos dizer que Maya confecciona o Graal da coroa de Lúcifer, e o Graal contém a Vida. Como num jogo de espelhos, a ilusão mostra a realidade.

Morrer na cruz é a morte do humano e a libertação de Deus dos limites da mortalidade. E portal para a ressurreição. Renovação absoluta, cura de todos os males. O fim da ilusão. Quando Lúcifer aceita sua cruz, e ali morre; é o fim da História. Lúcifer cai por não aceitar o pão nosso de cada dia ofertado por Deus, dos quais a cruz é o que mais assusta e revolta. Simão Cirineu até quer ajudar o Cristo a carregar sua cruz, mas quem está disposto a morrer na cruz? Quem morre na cruz é o Cristo ressurreto. Alguém se arrisca? Por isso diz o Xamã: "É mais seguro se arriscar do que permanecer onde está".

Encontrar o Graal é encontrar a Vida. O pintor de Ícones quer apresentar o Deus vivo na sua obra. Sua obra, um "vaso material, da coroa de Lúcifer", sua obra, sua pintura, seu Ícone, ser um Graal verdadeiro, para conter, e ofertar a força viva do Espírito. Cura de todos os males, fim do sofrimento humano. Seu Ícone o Graal, o Buda, a Pedra Filosofal. Mas quem encontra o Graal?

Não sabemos, Mark o que o motivou a pintar, nem qual era a sua mais alta aspiração na vida, nem sua mais profunda intenção com a pintura, mas posso dizer, que, querendo ou não, sabendo ou não, você realizou um feito grandioso para a Pintura e para a história da Arte, e para o ser humano. Está aí, para quem quiser ver; na Tate Modern em Londres, e na Rothko Chapel em Houston. Você não se pôs a pintar ícones, nem foi em busca do Graal ou da Pedra Filosofal. Não sabemos isso. Mas que você ofereceu um Graal para nós, isso temos que reconhecer e lhe agradecer. Fato é que você transformou chumbo em ouro, e sua pintura material revela a Presença maior do Ser que é. E toda a Pintura e a História da Arte tem outro significado depois de você.

Fato é que você pintou, Mark, e sua pintura é maior que ela mesma, pois revela o sagrado! Você não pintou uma representação de Deus, como muitos pensam quando se trata de pintar o sagrado, pensando que pintar é representar. Mark, você pintou, e sua pintura revela o Sagrado vivo. Você pintou e sua pintura realizou um feito grandioso. Realizou o Graal.

Mark pintou os portais por onde o Ser maior se apresenta ao nosso encontro, aos nossos olhos, coração e alma. Quem vai a Sala Rothko na Tate Modern, pode não ter nenhum background artístico, mas vive a experiência de encontro com algo real, maior e inefável através da pintura ali exposta, como já vi acontecer muitas vezes com pessoas amigas sem nenhum background artístico ou religioso. E compreende o encontro vivo sem pré-requisito nenhum e sem mediação, e tem uma experiência do sagrado que abre sua vida para algo impensável! Sem juízos de valor. E sem conhecimentos artísticos. Nem espirituais. Mas reconhecendo o imenso valor daquele momento vivo e transformador. A experiência viva, maior que qualquer conhecimento. Ou como disse um grande amigo não religioso que voltava da Rothko Chapel em Houston: “Mo, eu vi Deus!” Sim. Era o que eu tinha visto também, na Tate, em 86. Deus não é uma entidade, é a própria Vida que pulsa: Presença. Algo maior, sem limites e sem forma, Presença. Ali, através das pinturas de Mark, mas fora delas, fora do suporte da pintura, a verdadeira desmaterialização da Arte, mas não um conceito nem um ideal: Real. Em seu imenso silêncio e vastidão sem limites. A alma encontra o ilimitado, e a consciência, mesmo sem entender, se curva diante do sagrado, a Presença real, incognoscível e inominável do Ser que é, a Verdade e a Vida sem eira nem beira. Aqui nomeada Deus. Mark Rothko pintou Deus? Não. Mark pintou, e sua pintura realizou o Graal. E nós vemos Deus quando as encontramos. Isso nos renova. E é inspiração para a vida inteira. Não importa o que você faz.